Homenagem a Alfred Chandler

Quarenta anos volvidos sobre a obra seminal sobre estratégia, escrita pelo historiador Alfred Chandler – intitulada "Estratégia e Estrutura" (1962, no original "Strategy and Structure", que inspirou a ideia corrente de que a "estratégia determina a estrutura" –, a revista *Business Strategy Review* (edição do Outono 2002), da London Business School, em inglês, o sítio na Web www.gurusonline.tv e a revista portuguesa *Executive Digest* (edição de Agosto de 2002), resolveram homenagear o autor com um conjunto de testemunhos e uma entrevista recordando o nascimento da doutrina da estratégia empresarial.

Chandler, a par de Peter Drucker, é considerado um dos "pais" fundadores no século XX da teoria do management. ■

Universidades europeias apostam na ciência...

O ensino superior europeu está a focalizar-se na ciência e tecnologia. Em comparação com os EUA, a União Europeia está a desinvestir nas licenciaturas em ciências sociais, direito e gestão e está a apostar nos cursos superiores de engenharia, indústria e construção civil, ciências exactas, saúde e serviço social.

Este foi o quadro do ensino superior europeu mostrado por Kosmo Kalliarekos, consultor do Parthenon Group, uma empresa americana de consultoria de educação, na terceira edição do Mercado Mundial de Educação, evento que decorreu, recentemente, no Centro de Congressos de Lisboa (antiga FIL).

De acordo com aquela análise sobre o mercado de educação europeu, enquanto que o «mix» de licenciaturas de ciências sociais, direito e gestão na UE representa 30,9% do total de cursos, nos EUA o peso destas áreas de conhecimento situa-se nos 41,5% no total de cursos. No Velho Continente as engenharias, indústria e construção civil detêm uma fatia de 15% e as ciências exactas representam 11,3%. Nos Estados Unidos, estes valores situam-se nos 8,5% para aqueles dois grupos de licenciaturas. Os diplomas em saúde e serviço social representam 15,7% na Europa e 13,7% nos EUA.

De acordo com Kosmo Kalliarekos, esta viragem no ensino superior europeu deve-se às necessidades deste tipo de profissionais no mercado europeu e às orientações políticas definidas por Bruxelas sobre a construção de uma economia baseada no conhecimento, princípio adoptado na Estratégia de Lisboa, definida em 2000. ■

... mas capital humano está atrás dos EUA

Apesar da aposta europeia na ciência e tecnologia, a verdade é que, em comparação com os EUA, o investimento no capital humano é muito menor. Segundo o referido estudo do Parthenon Group, enquanto a média de despesa por estudante na UE é de 8.743 euros, este valor nos Estados Unidos é mais do dobro, perto dos 18.000 euros. Portanto, a Europa ainda tem um longo caminho pela frente para alcançar o vizinho do outro lado do Atlântico Norte.

Kosmo Kariallekos define algumas linhas de acção para os governos europeus aumentarem a capacidade de oferta e a qualidade de ensino do sistema de educativo. **«Tem que existir uma combinação entre um aumento dos níveis de exigência tanto no ensino primário e secundário, como no superior, para que a qualidade da formação dos alunos aumente da base para o topo»**, explica.

Neste plano, aquele especialista defende para o aumento da eficiência e qualidade do ensino primário e

secundário – com base em exemplos de países como o Reino Unido, a França e a Alemanha –, a introdução de exames nacionais aos sete, 11, 14 e 17 anos de idade, quatro testes por período na escola secundária, grupos de apoio para os alunos nas disciplinas com maior grau de insucesso, «outsourcing» da gestão escolar a empresas privadas e acesso a fundos especiais para escolas situadas em zonas desfavorecidas. ■

Só 22% das empresas lusas investem na formação

Entre 1998 e 2000, somente 22,1% do tecido empresarial português realizou ou promoveu acções de formação profissional. Esta é a principal conclusão do inquérito «Impacte das Acções de Formação Profissional nas Empresas 1998 – 2000», efectuado pelo Departamento de Estatística do Trabalho, Emprego e Formação Profissional (Detefp) do Ministério do Trabalho e Segurança Social português. Ou seja, em três anos, quase 80% das empresas deste país não efectuou qualquer tipo de acção formativa.

De acordo com o inquérito, em relação ao total das empresas, o sector financeiro português foi aquele que registou o maior investimento em formação, com 71%, seguindo-se o segmento da produção e distribuição de electricidade, gás e água (52,6%), o da educação (45,1%), das actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas (44,8%). Os valores mais baixos situam-se nos sectores das pescas (6,9%) e da construção (6,8%). O sector das indústrias transformadoras só efectuou 10% de acções formativas.

As categorias profissionais onde se registaram menor frequência em acções de formação profissional são justamente as de menor qualificação. Ao longo dos três anos referidos no estudo, os operários, artífices e trabalhadores similares, operadores de instalações e máquinas, trabalhadores de montagem e empregados não qualificados só contabilizaram entre 35% a 40% do total dos investimentos de formação. Em contraste, os escalões profissionais mais qualificados são os que levam a maior fatia das acções formativas, entre 50% e 65%, respectivamente.

No entanto, as empresas que levam a cabo iniciativas de formação não recorrem a fontes de financiamento públicas, mas sim aos seus próprios recursos. Com efeito, em 2000, mais de 93% das acções de formação foram financiadas pelas próprias empresas e apenas 24,1% receberam apoio público. Nos outros dois anos transactos a tendência foi similar.

A explicação para este comportamento é dada no estudo «Evolução das Políticas de Formação nas Empresas», publicado recentemente pelo Observatório de Emprego e Formação Profissional, coordenado por Rui Moura, docente e investigador em sociologia do trabalho na Universidade Autónoma de Lisboa, que justifica a baixa utilização pelas empresas dos fundos públicos para formação devido à excessiva burocracia exigida no processo de candidatura.

A área de formação com maior percentagem de participação em acções de formação profissional é a de «engenharia e fabrico», com 16,4%. A «teoria e prática de informática» vem logo a seguir (14,7%). O valor mais baixo situa-se no «trabalho de escritório» com 1,3 %. ■

«Case Study» da Nokia em português

Aproveitando uma década de viragem na emblemática companhia finlandesa, o sítio na Web www.janelanaweb.com e a revista portuguesa *Ideias & Negócios* (edição de Setembro de 2002) lançaram um "case study" sobre a Nokia, baseado numa entrevista ao seu actual CEO (e protagonista principal dessa mudança) Jorma Ollila, e à recolha de vários testemunhos sobre a história da empresa e as suas diversas fases históricas desde os tempos de conglomerado até à focalização no início dos anos 90 nas telecomunicações e nos telemóveis. ■